

NHEM, NHEM, NHEM, NHEM A BRINCADEIRA COM A LINGUAGEM COMO DESVIO NO ENCONTRO DOS BEBÊS COM OS LIVROS

NHEM, NHEM, NHEM, NHEM. PLAYING WITH LANGUAGE
AS A DEVIANCE IN BABIES MEETINGS WITH BOOKS

*Nazareth Salutto
Sonia Kramer*

Resumo:

A linguagem, nas suas muitas dimensões, emerge como face das especificidades que atravessam e constituem o encontro dos bebês com os livros. A partir de um fragmento do campo de pesquisa, o artigo busca analisar o caráter da brincadeira com a linguagem como desvio no encontro dos bebês com os livros de literatura infantil, esses artefatos da cultura por vezes sacralizados e, por ser assim, postos a salvo da ação direta dos bebês. O texto focaliza o caráter da linguagem enquanto brincadeira, expressão e modo de *ser e estar* no mundo, revelando sutilezas do jogo estabelecido pelo bebê no seu processo de inserção, participação e apropriação da cultura que lhe é dada a conhecer. Fundamentam essa discussão Buber (1949, 1974), Benjamin (2011), Heller-Rozen (2010), entre outros autores.

Palavras-chave: bebês e linguagem; livros, brincadeira.

Language emerges in various dimensions, as the face of specificities that cross and constitute the meeting of babies with books. Based on a research fragment, this article aims to analyse the nature of playing with language as a deviance in babies meetings with child literary books, sometimes seen as sacralized artifacts of culture and, as such, safe from babies actions. The text focuses on the language as a child play, expression and way of being in the world, revealing subtleties of the game established by the baby in the process of insertion, participation and appropriation of culture. The analyses is based on Buber (1949, 1974), Benjamin (2011), Heller-Rozen (2010), among others authors.

Keywords: babies and language; books; play.

NHEM, NHEM, NHEM, NHEM

A BRINCADEIRA COM A LINGUAGEM COMO DESVIO NO ENCONTRO DOS BEBÊS COM OS LIVROS

Este artigo traz recorte de uma pesquisa que teve como questão central discutir relações e interações dos bebês com livros de literatura infantil, com campo realizado em uma creche filantrópico-conveniada, situada em comunidade de uma grande metrópole brasileira. Foram observados vinte e um bebês entre 11 meses e 24 meses, três educadoras responsáveis pela organização da rotina, uma pesquisadora e uma bolsista de iniciação científica. A observação participante, construção de caderno de campo, a partir de imersão prolongada no contexto investigado – oito meses, duas vezes por semana,

em dias e horários alternados –, fotografias e construção de cenários literários¹, deram contorno metodológico à pesquisa.

“*Que fazem os bebês com os livros? Quais dimensões podem ser consideradas marcas dessa interação?*” foram algumas das questões de pesquisa. A linguagem, nas suas muitas dimensões, emerge como face das especificidades que atravessam e constituem o encontro dos bebês com os livros. Nesse sentido, a partir de um fragmento do campo, o texto busca analisar o caráter da brincadeira com a linguagem como desvio no encontro dos bebês com os livros de literatura infantil, esses artefatos da cultura por vezes sacralizado e, por ser assim, postos a salvo da ação direta dos bebês.

Nossa intenção não está em adentrar no terreno da complexidade dos estudos em torno da aquisição da língua, mas sim, refletir sobre a natureza sonora, rítmica que ronda os experimentos vocais dos bebês, como balbucio, entonação, gestos, ritmo. Desse modo, pode-se inferir que, para os bebês, o livro abre-se como possibilidade de imersão e experimentação com dimensões subversivas e subtendidas do texto literário e do próprio objeto. Nesse sentido, mais do que antecipar ou apressar os bebês a repetirem ou recitarem palavras e sons na forma da língua materna, aos adultos e leitores mais experientes fica o convite a que experimentem um lugar ao qual já pertenceram, recoloquem memórias, brinquem, inventem jogos sonoros rítmicos, explorem temporalidades e tempos em que a língua era somente som e potência e, por ser assim, reunia as gentes como comunidade humana (HELLER-ROAZEN, 2010).

¹ Os cenários literários tratam de estratégia metodológica, que consistiu na construção espaços-tempos (ambiências) para que se pudesse observar as ações dos bebês com e sobre os livros, organizado em torno de tecido, livros, câmera fotográfica e as pessoas da pesquisa – os bebês e os adultos.

NA PESQUISA, EM BUSCA DO ENCONTRO COM OS BEBÊS COMO PESSOAS

Pensamentos são rios viajantes. O tempo todo se enrolando, saindo e entrando, às vezes arrumadinho, outras vezes sem pé nem cabeça. Como fios de um grande novelo [...]

MURRAY (2002, s/p).

Ao tentar compreender especificidades da relação e interações dos bebês com os livros emergem reflexões em torno da linguagem e da brincadeira no encontro dos bebês com os livros.

Para se concentrar nas especificidades das interações, o foco da interlocução foi, pouco a pouco, no tecer e destecer da pesquisa, sendo redimensionado para a centralidade do bebê nessa discussão. Por centralidade não compreendemos o bebê sozinho agindo nos espaços, tempos e materiais, visto que cotejamos a perspectiva de que bebês se constituem na relação com o outro. Chamamos atenção ao esforço de investigação em que as lentes metodológicas se aproximassem, de modo proposital e propositivo, aos gestos e movimentos dos bebês em direção aos livros sem tanta diretividade do (s) adulto (s). Para tanto, o diálogo prévio com as educadoras, com vistas a compartilhar o desafio que a pesquisa se colocava, foi fundamental e, ainda antes dessa partilha, o reconhecimento de que o que desejávamos era ver os bebês em direção aos livros. E, para, tanto, nos indagamos: afinal, quem é o bebê? O nos leva a supor ele irá em direção ao livro?

Como fios de um grande novelo fizemos um primeiro movimento de ir ao encontro dos bebês a partir de um plano teórico-conceitual, que conferiu contorno à perspectiva de assumir, na pesquisa, o **bebê como pessoa**, articulando áreas da Educação (KRAMER e ROCHA, 2011; GUIMARÃES, 2008, e outras/os), dos Estudos da Infância (COUTINHO,

2010 e outras/os), Antropologia Filosófica (BUBER, 1949, 1974), Psicanálise (WINNICOTT, 1990, 1975, 2012, 2014), da Literatura e da Linguagem (BENJAMIN, 2011).

Assumir o **bebê como pessoa** – de relação, sutileza, vínculo e reciprocidade – se deu a partir do reconhecimento e da intenção de se debruçar sobre as especificidades de suas ações no encontro com um objeto da cultura, o livro, e a costura teórica que permitiu compreender e afirmar a **relação** como categoria e princípio que se funda no *entre* (BUBER, 1974), no encontro de uma realidade inaugural – o bebê, seus gestos, expressões, convites – com aqueles que aqui já estão.

Como princípio ontológico do homem está a relação, diz Buber (1974). Esse é o alvo quando no início a vida se institui. O evento da relação se dá na tentativa de diminuir – ou extinguir – a distância até o outro, até torná-lo um Tu.

Utopia? Sim, utopia realizável, na medida em que não se ilude com promessas moldadas em pura retórica, alimentada pela pretensão de posse da ‘palavra final e única’. É uma utopia prática, se assim posso dizer, pois sua fenomenologia da relação dialógica não se limita à pura descrição conceitual, mas se faz acompanhar de propostas para que seus atos concretos levem à realização dessa utopia (ZUBEN, 2003, p. 12).

Pilares conceituais de sua teoria, as palavras-princípio Eu-Tu e Eu-Isso expressam o que o autor denomina *fenômeno da relação*: a primeira do Eu com o outro, a segunda do Eu com o mundo, com as coisas. Ao me relacionar com o Tu, não posso me relacionar com o Isso e vice-versa. De acordo com o autor,

As palavras-princípio não são vocábulos isolados mas pares de vocábulos. Uma palavra-princípio é o par Eu-Tu. A outra é o par Eu-Isso no qual, sem que seja alterada a palavra-princípio, pode substituir Isso por Ele ou Ela. Desse modo, o Eu do homem é também duplo. Pois, o Eu da palavra-princípio Eu-Tu é diferente daquele da palavra-princípio Eu-Isso (BUBER, 1974, p. 3).

De acordo com este princípio, o Eu só existe na condição dessas palavras-princípio, o que aponta para a dualidade da atitude do homem uma vez que, o “mundo é duplo para o homem, segundo a dualidade de sua atitude. A atitude do homem é dupla de acordo com a dualidade das palavras-princípio que ele pode proferir” (Buber, 1974, p. 3).

Há dualidade na atitude porque o viver e o pensar humano são complexos em ações e princípios. Vive-se entre fazer escolhas, aprender com as próprias contradições, as do outro num mundo que é plural e convida à indiferença. Entrar em relação, de acordo com os princípios do autor, é apostar na dualidade como caminho contrário ao isolamento, no esforço de agir sobre o acontecimento da vida.

Esse duplo modo de ação – distintos um do outro, dual – revela o modo como o homem concretiza suas ações: ora na relação Eu-Tu, ora na relação Eu-Isso. A relação Eu-Tu refere-se a tudo o que compete ao outro, ao homem, que não visa usar o outro para nada, mas *estar com* ele. Essa atitude exprime inteireza, pois, “quem diz Tu não possui coisa alguma, não possui nada. Ele permanece em relação” (BUBER, 1974, p. 5).

Já a palavra-princípio Eu-Isso refere-se à perspectiva do relacionamento. Trata-se de ser, de usar, de possuir e de agir *para* e *no* mundo das coisas, e, desse modo, viver relacionamentos, ao contrário de estar *em relação*. Para Buber, a vida do Eu-Isso pode se restringir a uma série de experimentações sobre as coisas e, desse modo, não se vive a inteireza e a reciprocidade, já que “o experimentador não participa do mundo: a experiência se realiza nele e não entre ele e o mundo. O mundo não toma parte da experiência. Ele se deixa experienciar, mas ele nada tem a ver com isso, pois, ele nada faz com isso e nada disso o atinge” (BUBER, 1974, p. 6).

Buber não faz julgamento de valor entre as duas palavras-princípio mas, ao contrário, afirma que o equilíbrio entre essas duas polaridades constitui o homem: “são duas intencionalidades dinâmicas que instauram uma direção entre dois pólos, entre duas consciências vividas” (ZUBEN, 2003, p. 87). Não se pode

viver constantemente no modo Eu-Tu, do mesmo modo que viver apenas no Eu-Isso suprime do homem aquilo que somente o estar em relação oportuniza, a reciprocidade, pois, “relação é reciprocidade” (BUBER, 1974, p. 9).

A liberdade dada ao homem na dualidade Eu-Tu e Eu-Isso, também constitui o caráter de imprevisibilidade dessa atitude. Isso porque, ir ao encontro do outro define a abertura dessa atitude, marca da opção por viver a relação que, por sua vez, não revela a intenção do outro. Ir ao encontro da relação é uma escolha solitária e pessoal pois, “do evento perfeito da relação conhecemos, por tê-la vivido, a nossa saída, a nossa parte do caminho. A outra nos acontece, nós não a conhecemos. Ela acontece para nós no encontro. O Tu se apresenta a mim” (BUBER, 1974, p. 88).

O Tu se apresenta a mim. A partir desse horizonte, pode-se inferir que toda promessa de encontro é também uma possível porta para o desencontro. Se não há abertura de um dos *Tu* envolvidos o encontro não acontece, o diálogo não se estabelece, a potência é interrompida pela indiferença e não se constitui a relação.

Nesse ponto aproximamos um tanto mais a lente teórica que envolve os bebês em seus momentos inaugurais como pessoa na vida. O bebê – essa coisa atual – alguém que instaura o novo, o suspeito. Essa atualidade do bebê como coisa inaugural – para ele mesmo, porque ele não se sabe ainda; para o outro, que o desconhece, porque o acontecimento da relação está em vias de se instaurar – parece dialogar com o que Buber compreende como atual, atualidade, que é justamente agir, *porque toda relação atual com um ser presente no mundo é exclusiva*. Exclusiva porque envolve o um para o outro?

A autenticidade da vida atual é ser vida de encontro (Begegnung), assim como a autenticidade do encontro só é atingida numa vida de atualidade, de presença efetiva, atuante, visto que o

autêntico encontro implica uma “presentificação” (Vergegenwaertigung) mútua do Eu e do TU [...]. Uma atuação recíproca (ZUBEN, nota à tradução de Eu e Tu, 1974, p. 159).

Ao mesmo tempo, para constituir-se como sujeito, a própria natureza do bebê humano coloca-o em estado absoluto de dependência, o que faz necessário que haja alguém que o acolha, o deseje, que atue, que aja como *um outro sujeito de relação*.

Sustentadas por essas colocações assumimos o **bebê como pessoa** de *relação, sutileza, vínculo, reciprocidade* e nos dirigimos para as reflexões a seguir, apostando que no encontro dos bebês com os livros, os primeiros se dirigem para os segundos com interesse, desejo, tenacidade, amparados por um *ambiente* – pessoas, espaços, materiais (WINNICOTT, 1990) – que acolha seus gestos e movimentos inaugurais. Nos aproximemos, assim, dos bebês e de seu encontro com livros, linguagem, brincadeira.

NHEM, NHEM, NHEM, NHEM, NHEM

ABIDUDAIU-ABIDUDAIU- ABIDUDAIU-ABIDUDAIU

É aqui, na enunciação de sons estranhos, que os falantes de um idioma pensavam ser incapazes de produzir, que uma língua se mostra como uma “exclamação” no sentido literal do termo: “um chamado” [...].

Heller-Roazen (2010, p.15)

Escolhemos iniciar pela brincadeira. Primeiro, convidamos a poeta, em seguida, o fragmento do campo para, depois, transitar entre hipóteses, experimentações e possíveis análises. Vejamos Meireles (2002):

*Havia uma velhinha
que andava aborrecida
pois dava a sua vida
para falar com alguém.
E estava sempre em casa
a boa velhinha
resmungando sozinha:
nhem-nhem-nhem-nhem-nhem-nhem...
O gato que dormia
no canto da cozinha
escutando a velhinha,
princípios também
a miar nessa língua
e se ela resmungava,
o gatinho a acompanhava:
nhem-nhem-nhem-nhem-nhem-nhem...
Depois veio o cachorro
da casa da vizinha,
pato, cabra e galinha
de cá, de lá, de além,
e todos aprenderam
a falar noite e dia
naquela melodia
nhem-nhem-nhem-nhem-nhem-nhem...
De modo que a velhinha
que muito padecia
por não ter companhia
nem falar com ninguém,
ficou toda contente,
pois mal a boca abria
tudo lhe respondia:
nhem-nhem-nhem-nhem-nhem-nhem².*

² MEIRELES, Cecília. **A língua do nhem**. In MEIRELES, Cecília. **Ou Isto ou Aquilo**. Nova Fronteira, 2002.

Agora, vejamos Isadora.

Isadora. Sete meses. Não se aproxima muito de quem não conhece. Durante os cenários, busca ficar perto de suas pessoas de referência, especialmente, os adultos. Ou, então, ao lado de Maurício e o observa com os livros no seu interminável abre, fecha, abre, fecha, abre, fecha... Isadora permanece por um longo período a observá-lo com atenção. Se percebe que a observamos também, desvia o olhar, interrompe sua ação, vira o rosto... É preciso sinuosidade para capturar seus movimentos. Aprende-se com o tempo... Vez ou outra, obtém-se sucesso. Lá está Isadora, ao lado de Maurício. Observa-o. Em nenhum momento tenta retirar o livro de suas mãos, ação marcante e recorrente dos bebês uns com os outros. Sinuosamente, nos aproximamos, sem endereçar o olhar diretamente. Maurício: abre, fecha, abre, fecha, abre... Isadora, observa, move os lábios. Não é possível escutar. Sinuosamente, chegamos um milímetro mais perto. Maurício: abre, fecha, abre, fecha, abre... Isadora: abidudaiu-abidudaiu-abidudaiu-abidudaiu...

É o máximo que conseguimos escutar.

É tudo que podemos compreender: abidudaiu-abidudaiu-abidudaiu-abidudaiu...

Nhem-nhem-nhem-nehem-nhem-nhem... brinca com a língua, a poetisa. Abidudaiu-abidudaiu-abidudaiu-abidudaiu... entra, brinca, desvia, encontra a língua, a bebê.

A cena desfiada no fragmento desvela situação experimentada com frequência quando se tem como interlocutor o bebê: sons guturais, gemidos, balbucios, timbres, entonações compõem um certo repertório expressivo de suas comunicações vocais. Num esforço compreensivo e interpretativo, os falantes mais experientes da língua materna, buscam, dia a dia, compreender e nomear com e para o bebê, aquilo que expressam nessa língua incompreensiva, primitiva,

misto de sons timbrados, vocábulos incompreensíveis. Aos poucos, aos sons, reúnem-se os gestos.

Pronto! O bebê insinua para os não nativos de sua língua o que deseja, o que manifesta, o sentido escondido por trás de seu gemido. Poderíamos pegar muitos caminhos para compreender o *abidudaiu-abidudaiu-abidudaiu-abidudaiu* de Isadora. No entanto, com a bebê, a leitura do fragmento buscará caminhar com ela e com a língua. Uma tentativa, porque, até mesmo ao digitar *abidudaiu*, *abidudaiu* os dedos se revelam confusos diante da mensagem que o pensamento encaminha, como se indagassem: o que é *abidudaiu*, *abidudaiu*?

A linguagem gutural, sonora, rítmica, brincante experimentada pelos bebês nos seus processos de imersão na cultura confronta a língua como marca de superioridade, a conquista da fala como lugar fronteiro entre o antes (tempo-espço de pertencimento parcial em uma determinada comunidade), e o depois (chegada a um lugar em que a fala torna a todos *comum*). Nesse sentido, aposta que o bebê, ao brincar, transitar entre ritmos, sons, combinações sonoras de balbucios vocais, desvia sentidos determinados pela ordenação da língua como a conhecemos. Ao fazê-lo, o bebê exerce pelo menos dois papéis: se dirige com tenacidade para o encontro e a imersão na cultura da qual faz parte, como também desencanta, desarruma, desvia a língua.

Nesse intervalo, no *entre* de suas experimentações, faz habitar realidades que dialogam e convidam a brincar e faz da língua plasticidade, pois, “em nenhum outro domínio a língua é mais “si mesma” do que no momento em que parece deixar o âmbito de seus sons e sentidos, assumindo a forma sonora daquilo que não tem – ou não pode ter – uma língua própria [...]” (HELLER-ROAZEN, 2010, p. 15).

Tentemos, pois, mergulhar nessa expressão desviante da língua que Isadora experimenta – *abidudaiu*, *abidudaiu* – desviante como seu próprio corpo que se movimenta veloz, para lá e para cá, plástico e múltiplo no percurso de seus interesses.

De acordo com Heller-Roazen (2010),

uma língua e um ser falante surgirão do desaparecimento do balbucio. Isso é sem dúvida inevitável. Talvez o bebê deva esquecer a série infinita de sons que outrora produzia no “ápice do balbucio” para conseguir dominar o sistema finito de consoantes e vogais que caracteriza uma língua determinada. Talvez a perda de um arsenal fonético ilimitado seja o preço que a criança deve pagar para obter os documentos que concedem cidadania na comunidade de uma língua específica (p. 9).

Inúmeras vezes, na pesquisa, na vida, comemora-se a aquisição da fala verbal do bebê: *Viu o que ela sabe fazer? Fala para ela, Isadora: mamãe! Viu? Ela já consegue falar!!!*. Ou, ao contrário, o considerado atraso na aquisição da fala levanta preocupação: *Ainda não fala nada*. O *ainda*, como advérbio que exclui o bebê de um lugar em que os falantes nativos o aguardam para conferir-lhe seu passaporte.

Mas, o quanto os falantes foram até o bebê e, com ele, brincaram, se precipitaram, experimentaram a realidade a que um dia já pertenceram: a de não nativos de língua alguma que não fosse a da própria humanidade?

Heller-Roazen (2010) trata da língua e seu esquecimento, ganhar e perder como jogo em que o bebê, ao cruzar a linha fronteira entre balbucios e aquisição da fala.

As línguas dos adultos retêm alguma coisa do balbucio infinitamente variado do qual emergiram? Se for o caso, seria apenas um eco, pois, onde há línguas, a emissão desordenada do bebê já há muito desapareceu, ao menos na forma que uma vez possuía na boca do infante que ainda não podia falar. Seria apenas um eco de uma outra fala e de algo outro que a fala: uma ecolalia, que guardasse a memória do balbucio indistinto e imemorial que, ao ser perdido, permitiria a todas as línguas existirem (HELLER-ROAZEN, 2010, p. 9).

Novamente, o paradoxo que coloca em tensão perdas e conquistas. O que Isadora faz é tatear a língua do grupo ao qual pertence, ou brincar com a própria voz? Não há muita clareza. O que foi possível escutar do seu *abidudaiu-abidudaiu-abidudaiu-abidudaiu*, não revelava muita entonação. Ao contrário, soava meio monótono, pausado. A bebê brincava, experimentava? Compreender os sentidos que atravessam e ultrapassam a leitura do fragmento jogo de Isadora envolve emoção. A capacidade de nos emocionarmos com este encontro inaugural do bebê com a atividade humana de dar sentido à língua, tatear seus caminhos, seus ritmos.

Os balbucios despontam e apontam o universo ao qual pertencem todos os bebês, outrora experimentado pelos adultos. Ao buscar dar sentido à língua, o bebê anuncia seu pertencimento. Por um lado, perde seu passaporte universal – a língua de todos os bebês –, e ganha o visto de entrada na língua do grupo do qual faz parte. Tarefa inevitável, incontornável para o bebê em sua *marcha* social. Do lado de cá, no mundo dos adultos, essa prerrogativa indaga: por que não brincar mais com a língua? Por que não nos aproximarmos mais da língua dos bebês? Por que não ritmar a língua até um lugar incompreensível, brincante, desviante? Não seria esse jogo um possível espaço de encontro entre bebê e adultos, um modo de pertencerem juntos num mesmo espaço-tempo? Para Huizinga (2004), jogo e poesia fundam parte da realidade social em que brincadeira, homem, vida social convergiam e se complementavam: “o que a linguagem poética faz é essencialmente jogar com as palavras. Ordena-as de maneira harmoniosa, e injeta mistério em cada uma delas, de modo tal que cada imagem passa a encerrar a solução de um enigma” (p. 149).

E, não se trata de língua tatibitate que inferioriza o bebê e o coloca no lugar do ‘*inho*’: pequeninho, bonitinho, engraçadinho e outros adjetivos que, ao contrário do desvio, simplifica a língua, prende-a numa rede pobre de sentidos. O que Isadora experimenta, mostra ser de outra ordem, se aproxima da poetisa. Desvia a língua na tentativa de aproximar-

se da língua que escuta. Brincar com esse ritmo, com essa musicalidade não é memorizar a língua, mas transitar entre suas possibilidades. De acordo com Bines (2013),

as crianças são aquelas que falam como tropeçam [...] porque gaguejam sons indistintos que desencaminham a língua materna até o ponto que soe como língua estrangeira. Neste ponto não há outros personagens além das próprias palavras, criaturas dotadas de afetos, coloridos, timbres, entonações. A língua como um composto sonoro de potencial fônico ilimitado, um campo de livres associações, onde tudo ainda está por começar, onde nenhuma relação está dada, nenhuma palavra está obrigada a representar determinada coisa ou produzir determinado sentido. Tal seria a experiência das crianças com a língua em sua dimensão inaugural (p. 590-591).

Língua e inauguração. Ou, a língua inaugurada pela voz de um bebê que transita plasticamente nessa densa massa que é a língua: “[...] a língua aparece e desaparece...” (Bines, 2013, p. 592). Desaparece ou o esforço do bebê é apoderar-se da língua, devorar a língua? Em algum momento, essa língua tateante, rudimentar, pré-língua nativa, desaparece: o bebê torna-se falante da língua à qual pertence. A conquista é celebrada: “isso mesmo meu amor, fonfom, isso mesmo. Vou contar para o papai” (Lispector, 1998). Celebra-se a emergência dessa língua materna que reúne (será?) falantes de uma mesma comunidade. Do rudimento que ficou para trás, resta algum vestígio? Pode-se afirmar que, em toda conquista, há também o luto: jamais o bebê, agora convertido em criança, jovem, adulto, pertencerá à categoria mais ampla da comunidade humana, aquela que partilha *sons*, *grunhidos*, *gemidos*... Ganhar e perder comporia, desse modo, faces de todo aprender, de todo esforço de sistematização. O livro, nesse cenário, ocupa um papel de mediação de linguagem. Isadora experimenta a partir de algo que escutou. Repete, monotonamente: abidudaiu-abidudaiu-abidudaiu... Voz e

escuta como linguagem expressiva, na interface com o livro, que mostra para os bebês o que é da ordem dos sentidos e das significações.

Na convergência entre poesia e linguagem desviante do bebê, uma aposta de que a brincadeira com a linguagem se constituiu, também, num encontro intergeracional. De um lado, a poetisa brinca com um palavreado que remete à língua dos bebês, que os animais aprendem a falar; de outro, a própria Isadora, que no encontro com a materialidade da língua posta no objeto livro, trabalha intensamente na sua imersão. São encontros de naturezas opostas.

A poeta trabalha a língua por meio do poema, a bebê, opera em direção ao pertencimento. Seria, então, encontros de poemas? Ou, como aposta Huizinga (2004), “a poiesis é uma função lúdica, pois ela está para além da seriedade, naquele plano mais primitivo e originário a que pertencem a criança, o selvagem e o visionário, na região do sonho, do encantamento, do êxtase, do riso” (p. 133).

No ensaio *Sobre a linguagem geral e sobre a linguagem do homem*, Benjamin (2011) toma o conceito de linguagem em sua dimensão espiritual. Espiritual porque relacionada à essência da manifestação da linguagem não como um instrumento que comunica ou instrui, mas linguagem que é, que se revela nela própria, sem mediação, pois, “não há evento ou coisa, tanto na natureza animada, quanto na inanimada, que não tenha, de alguma maneira, participação na linguagem, pois é essencial a tudo comunicar seu conteúdo espiritual” (idem, p. 51).

Ao conceber a linguagem como expressão de si mesma, como aquela que mostra, ao homem, a essência espiritual tanto das coisas quanto dele próprio, Benjamin se contrapõe à coisificação da língua como tagarelice e, convoca, para a discussão sobre a constituição do homem, um caráter mais autoral e menos de sujeição diante dos processos históricos e, para tanto, distingue linguagem de língua, a primeira como essência, a segunda, como tarefa e construção humana:

A diferenciação entre essência espiritual e a essência linguística, na qual aquela comunica, é a dimensão primordial em uma investigação de caráter teórico sobre a linguagem [...]. O que comunica a língua? Ela comunica a essência espiritual que lhe corresponde. É fundamental saber que essa essência espiritual se comunica *na* língua e não *através* da língua. Portanto, não há um falante de línguas, se se entender por falante aquele que se comunica através dessas línguas. A essência espiritual comunica-se em uma língua e não através de uma língua, isto quer dizer que, vista do exterior, ela, a essência espiritual, não é idêntica a essência linguística (BENJAMIN, 2011, p. 52. Destaque do autor).

Essa concepção é pertinente quando se trata de produção de sentidos que, ora são atravessados pela língua, ora pelas coisas. Seguindo o filósofo, podemos indagar: quando a linguagem se manifesta na enunciação e nos artefatos endereçados aos sujeitos? Benjamin não endereça essa relação com a linguagem a categorias etárias – bebês, crianças, adultos, velhos –, ele reivindica um olhar para a linguagem que se contraponha à coisificação. Novamente, indagamos: é possível esse retorno? É possível escaparmos da linguagem corriqueira, da tagarelice e nos aproximarmos de uma dimensão expressiva da linguagem? Como sujeitos marcados pela cultura e seus artefatos, é possível a aproximação com essa essência?

a linguagem desta lâmpada, por exemplo, não comunica a lâmpada (pois a essência espiritual da lâmpada, na medida em que é comunicável, não é em absoluto a própria lâmpada), mas a lâmpada-linguagem, a lâmpada-na-comunicação, a lâmpada-na-expressão. Pois na linguagem é assim: *a essência linguística das coisas é a sua linguagem* (BENJAMIN, 2011, p. 53. Destaque do autor).

Na relação entre bebês, adultos, crianças e coisas, a complexidade, ao lado da sutileza parece ser uma marca atravessada pela linguagem: o quanto a experimentamos como expressão e comunicação na relação com as pessoas e as coisas?

“Tudo repousa nesse “é” [que equivale a dizer imediatamente]” (BENJAMIN, 2011, p. 53), como aquilo que é irrecuperável depois de ocorrido e que, qualquer tentativa de através da língua, do fato vivido, não contemplates a essência da linguagem do vivido.

PELO DIREITO AO TEMPO DE BRINCAR E EXPERIMENTAR LÍNGUA E LINGUAGEM

Parafraseando Hellen-Roazen (2010), a linguagem experimentada pelos bebês, nos seus inícios, não deveria ser esquecida, mas considerada como chave de compreensão que desvela parte da complexidade em torno dos processos de imersão na cultura falada e falante. A entrada na língua constitui-se como marca definitiva de uma ruptura onde a plasticidade ilimitada da linguagem tudo podia, para um lugar de pertencimento em que falar também significa perder. Pode, ainda mais, ser encontro para brincar de modo desviante com a linguagem. Esforço contínuo e recorrente na história do homem que o contato com a infância recupera e reacende.

Laço, vínculo, linguagem, assim, se complementam e podem configurar-se como elementos da experiência dos bebês com a cultura e seus artefatos. *Abidudaiu-abidudaiu-abidudaiu-abidudaiu...* Plasticidade que alarga a língua, mas que a contém. Palavras e significados que chegam aos bebês pelo livro, pela palavra, pela voz do outro. Língua e palavras se anunciam pela voz, pelos gestos, pela entonação, pela relação, pela linguagem.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BENJAMIN, Walter. **Sobre a linguagem em geral e sobre a linguagem do homem.** In: BENJAMIN, W. **Escritos sobre mito e linguagem.** São Paulo: Editora 34, 2011.

BINES, Rosana Kohl. **Sem rede de proteção:** palavras em queda livre nas obras de David Grossman e Michael Laub. In: LEWIN, Helena (org.) **Judaísmo e cultura:** fronteiras em movimento. Rio de Janeiro: Imprimatur, 2013.

BUBER, Martin. **¿QUÉ ES EL HOMBRE?** Tradução de Eugenio Ímaz. México: FCE, 1949.

_____. **Eu e Tu.** Tradução, introdução e notas de Newton Aquiles Von Zuben. 2ª edição. São Paulo: Moraes, 1974.

COUTINHO, Angela Maria Scalabrim. **A ação social dos bebês: um estudo etnográfico no contexto da creche.** 2010. 291 f. Tese (Doutorado em Estudos da Criança) – Instituto de Educação, Universidade do Minho, Braga, 2010.

GUIMARÃES, Daniela. **Relações entre Crianças e Adultos no Berçário de uma Creche Pública na Cidade do Rio de Janeiro:** técnicas corporais, responsividade, cuidado. Tese de doutorado em Educação. Rio de Janeiro: PUC-Rio, 2008.

HELLER-ROAZEN, Daniel. **Ecolalias:** sobre o esquecimento das línguas. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2010.

HUIZINGA, Johan. **Homo Ludens.** São Paulo: Perspectiva, 2004.

KRAMER, Sonia; ROCHA, Eloisa Candal (org.). **Educação Infantil:** enfoques em diálogo. Campinas, SP: Papirus, 2011.

MEIRELES, Cecília. **Ou Isto ou Aquilo.** Nova Fronteira, 2002.

MURRAY, Roseana. **O fio da meada** (Ilustrações de Elisabeth Teixeira). São Paulo: Paulus, 2002.

WINNICOTT, Donald Wood. **O brincar e a realidade**. Tradução Jefferson Luiz Camargo; revisão técnica Helena Souza Patto. 4ª edição. Rio de Janeiro: Imago Editora, 1975.

_____. **Natureza Humana**. Rio de Janeiro: Imago, 1990.

_____. **A criança e o seu mundo**. Rio de Janeiro: LCT, 2014.

ZUBEN, Newton Aquiles von. **Introdução**. In: BUBER, M. **Eu e Tu**. 2ª edição. São Paulo: Moraes, 1974.

_____. **Martin Buber: cumplicidade e diálogo**. Bauru, SP: EDUSC, 2003.

